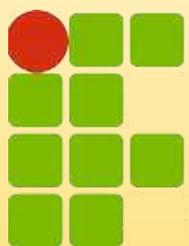


SORAYA MIRANDA CASTELLO BRANCO
VERÔNICA PIMENTA VELLOSO

Educação Ambiental e decolonialidade na restinga de Jurubatiba

**APRENDENDO COM A ANCESTRALIDADE
NO QUILOMBO DA MACHADINHA**



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
RIO DE JANEIRO



APRESENTAÇÃO

É com bastante alegria que apresento o Produto Educacional de Soraya Miranda Castello Branco, cujo processo de criação, construção e elaboração da escrita tive a oportunidade de acompanhar - um processo entrecortado por muitos acontecimentos que abalaram a sua vida e a de todas(os) nós de maneiras diferenciadas e nos marcaram.

Este material é um desdobramento da dissertação intitulada “O Parque e o Quilombo na cidade de Quissamã : Interloções para uma Educação Ambiental na Restinga de Jurubatiba”. As propostas, organizadas em forma de uma sequência didática, têm por fim sugerir atividades que trabalhem o ambiente no sentido mais amplo a partir de memórias, identidades, esquecimentos e sentimentos colaborativos.

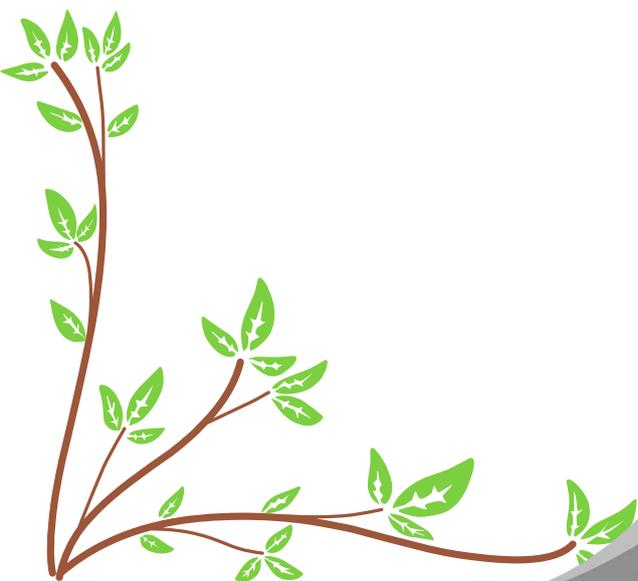
Há um movimento de recuperar elos perdidos de nossa história - de sujeitos, saberes e culturas - a partir de uma entre muitas outras cidades que se constituíram em face de muita destruição e da extração sem limites dos recursos e de tudo que a natureza nos dá, do que somos, fomos e do que seremos; seres vivos em mutação constante, parte de uma natureza exuberante que teve áreas que se tornaram Unidades de Conservação no formato de parques, como foi o caso estudado na dissertação - o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba - com relação a parte situada na cidade de Quissamã, palavra de origem angolana que expõe a ancestralidade africana. Hoje temos o Complexo Cultural da Fazenda Machadinha, representativo da cultura quilombola e o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, representativo da natureza. Como separar um espaço do outro ou como trabalharmos as atividades educativas no Parque Nacional Restinga de Jurubatiba sem mencionar a cultura quilombola, os seus saberes e hábitos em conexão com a natureza que foram silenciados pela história oficial?

Prof.^a Dra. Verônica Pimenta Velloso

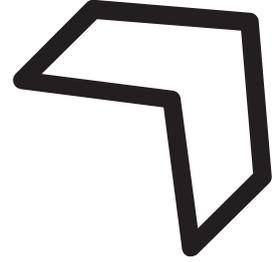


SUMÁRIO

Introdução	4
Sobre a Sequência Didática	5
Unidade de Aprendizagem 1 - Tua casa vai bem?	7
Unidade de Aprendizagem 2 - “Eu sou porque nós somos”	8
Unidade de Aprendizagem 3 - Pontuando memórias locais	9
Unidade de Aprendizagem 4 - Exposição de “si” formando o “nós”	10
Unidade de Aprendizagem 5 - Escuta de memórias silenciadas	11
Unidade de Aprendizagem 6 - O Parque não é só um parque	12
Algumas Considerações	13
Referências Bibliográficas	14



INTRODUÇÃO



O Meio Ambiente é um dos temas transversais a serem tratados na educação básica, conforme orientação de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Embora seja um assunto bastante discutido desde a década de 1970, a Educação Ambiental parece promover poucas transformações no cotidiano escolar e na formação cidadã. Parte desta insuficiência é resultado de uma tendência político-pedagógica que distancia homem e natureza, ou seja, focada na preservação dos espaços naturais pela proibição da presença humana. Chamada de macrotendência conservacionista, é uma linha de pensamento associada ao paradigma científico que prevalece em nossa sociedade.

Algumas décadas depois, uma outra tendência se destacou. Esta, que é economicamente mais interessante, é chamada de macrotendência pragmática, é representada pela expressão desenvolvimento sustentável e suas variantes. Tantos anos nesta perspectiva “desenvolvimentista, porém sustentável” não só não conseguiu evitar um colapso ambiental como antecipou aquilo que chamamos de emergência climática.

Neste entendimento, é evidente que novas formas de se pensar o Meio Ambiente e, mais recentemente, vem se destacando nas discussões teóricas a macrotendência crítica, que agrega os aspectos humanistas às questões ambientais, visando novas relações homem X ambiente. Encontrá-la aplicada no dia a dia, tanto das escolas quanto nas nossas comunidades, ainda é bastante raro. E um fator generalista que dificulta essa expansão é o que o sociólogo peruano Aníbal Quijano (1930-2018) chamou de colonialidade do poder.

[...] trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, que foi biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores (MAIA; DE MELO, 2020, p. 232).

Acreditamos que a via para uma Educação Ambiental que possa ruir a visão capitalista de natureza como commodity e sua exploração progressiva, disfarçada de sustentabilidade, é a decolonialidade.

Este produto educacional foi pensado para a rede municipal de Quissamã, no estado do Rio de Janeiro, onde há Unidades de Conservação, como o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, e o Complexo Cultural da Fazenda Machadinha, ligado a uma comunidade remanescente quilombola. Trazendo a Educação Patrimonial como catalisador do processo de geração de memórias e identidade, apresentamos seis Unidades de Aprendizagens ordenadas a fim de desenvolver novas concepções sobre Meio Ambiente, nos estudantes e também nos professores, decolonizando a partir da ética africana Ubuntu.

Bons estudos!

Prof.^a Soraya Miranda Castello Branco.

SOBRE A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Como define Zabala (1998) – e como o próprio nome indica – se trata de uma “série ordenada e articulada de atividades que formam as unidades didáticas” (ZABALA, 1998, p. 53, grifo nosso). Mais do que o caráter das atividades sequenciais propostas, o que as torna didáticas é a articulação das propostas. O ordenamento das variadas unidades de aprendizagem (UA) precisa compor um itinerário de aprendizagem, de modo a desenvolver gradativamente as habilidades e competências inerentes às diversas dimensões curriculares a que se propõem.

Para uma Educação Ambiental na rede municipal de Quissamã, junto ao PARNA Jurubatiba, conseqüente a uma leitura crítica das relações socioambientais ali resistentes e desatualizadas, se demanda uma articulação inicial das diferentes áreas do conhecimento do currículo do Ensino Fundamental; uma Educação Ambiental que não se restrinja à Biologia ou ao pragmatismo usual nestas últimas décadas. A interdisciplinaridade se manifesta como uma ferramenta propícia à articulação dos saberes e, didaticamente, à articulação das unidades de aprendizagem da sequência didática.



Fonte: http://profepf.ifap.edu.br/images/ProfEPT_Interdisciplinaridade.jpg

Evidentemente, uma perspectiva diferente da usual se faz necessária nas metodologias de ensino, a já muito falada decolonialidade. Decolonizar saberes é um processo urgente, visto a urgência dos povos subalternizados em resistirem, mas também é lento e gradual, pois visa uma desconstrução – e não uma demolição – de conceitos, padrões e valores. Desconstrução é uma palavra que indica uma cuidadosa desestruturação daquilo que fora estruturado por imposição; denota, portanto, um movimento oposto ao impositivo e que resulta não mais apenas em resistir, mas principalmente em coexistir.

Decolonizar saberes requer, também, decolonizar a prática docente ou mesmo a educação e as relações que ela implica.

A educação em ciências possui na sua raiz a reprodução das formas de colonialidade do saber, ser e poder dentro de uma sociedade em constantes tensões, onde o ensino de ciências possui várias finalidades, como por exemplo, ser um instrumento de legitimação de relações de inferiorização de determinados grupos sociais ou étnicos (DUTRA; CASTRO; MONTEIRO, 2019, p. 11)

Compreende-se que uma das primeiras consequências da colonialidade é a perda / neutralização de identidade, memórias e liberdade. Em vista disto, buscou-se algumas possibilidades para uma práxis decolonial na Educação Ambiental e a literatura traz a Educação Patrimonial como método abrangente e articulador de diferentes áreas do conhecimento, à medida que promove pensamento decolonial ao tratar de memória, história, lugar e pertencimento genuínos.

(...) e a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204)

A dinâmica para um processo inicial de decolonialidade na Educação Ambiental foi elaborada sob a perspectiva Ubuntu.

O Ubuntu constitui a organização sociopolítica e filosófica dos povos africanos falantes da língua bantu. Pode ser compreendido sobre uma ontologia, uma epistemologia e uma ética africana em que a partilha e o cuidado mútuo são valores fundamentais. [...] Para o ethos Ubuntu a afirmação de si é construída na coletividade, portanto, diferente da lógica cartesiana e egocêntrica do “penso, logo existo” (TRISTÃO; VIEIRA, 2021, p. 308)

Assim, agregando novas formas de se entender o/no mundo, como a ética Ubuntu, ao exercício de construção de memórias e identidades pela educação patrimonial, a reconstrução de si viabiliza uma ruptura paradigmática – ou algum combustível para o motor decolonial.



Baobá em Quissamã. Imponente, a árvore adorna a frente do Museu Casa Quissamã e, apesar de não haver registro da data de seu plantio, estima-se que ela está ali desde 1863. Especula-se que a muda do baobá tenha sido trazida por escravos que aportavam clandestinamente em Barra do Furado. Em seu tronco, há várias marcas da história do lugar. A mais impressionante (e paradoxal) é uma argola de prender escravos, que transformou a árvore da sabedoria dos africanos em local de suplício e cativoiro.
Fonte: Prefeitura de Quissamã.

Unidade de Aprendizagem 1 - Tua casa vai bem?

Objetivo: Levantamento das diferentes percepções sobre natureza e ambiente.

Descrição da atividade: Nesta atividade trabalham-se as habilidades de Língua Portuguesa EF07LP01 (distinguir diferentes propostas editoriais – sensacionalismo, jornalismo investigativo etc. –, de forma a identificar os recursos utilizados para impactar/chocar o leitor que podem comprometer uma análise crítica da notícia e do fato noticiado) e EF07LP02 (comparar notícias e reportagens sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes mídias, analisando as especificidades das mídias, os processos de (re)elaboração dos textos e a convergência das mídias em notícias ou reportagens multissemióticas), enquanto se desenvolve a habilidade de Ciências EF07CI07 (caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas).

Material necessário: Textos jornalísticos que abordem questões relacionadas ao meio ambiente; material para anotação.

Tempo estimado: 2 aulas de 50 min.

Desenvolvimento: Solicitar previamente que os alunos tragam recortes de figuras que eles consideram meio ambiente. A partir destas imagens, iniciar uma provocação sobre o que é meio ambiente e o que é natureza, com base no conhecimento prévio de 6º ano em Geografia, as habilidades EF06GE06 (Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização) e EF06GE07 (Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades). Em seguida, iniciar a leitura dos textos jornalísticos de maneira coletiva.

A escolha dos textos é crucial para promoção dos questionamentos e consequentes reflexões; para tanto, sugere-se que os textos sejam recentes e contenham assuntos ambientais que repercutiram nas diferentes mídias e/ou de repercussão regional. Após a leitura, se estimulam as reflexões com novas provocações à turma. Dependendo da maturidade, da quantidade de alunos e de outras realidades inerentes à sala de aula, é interessante que se promova um breve debate. Ao final, os alunos devem registrar as suas percepções em uma redação.

Avaliação: É esperado que, ao final das manifestações argumentativas dos alunos, sejam encontrados nos relatos individuais uma ampliação da concepção de natureza, sociedade e ambiente.



Unidade de Aprendizagem 2 - “Eu sou porque nós somos”

Objetivo: Valorizar outras formas de se entender a natureza, a sociedade e o meio ambiente, como o Ubuntu e o Bem-Viver.

Sugestão de leitura prévia: “‘Ubuntu’, o que a África tem a nos ensinar[1]; “Algumas aproximações da educação ambiental com o pensamento decolonial, a ética Ubuntu e o Bem Viver[2]”

Descrição da atividade: Nesta atividade, enquanto se desenvolve as habilidades EF07CI07 e EF07CI08, a disciplina de História também é trabalhada, pelas habilidades EF07HI09 (analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência) e EF07HI12 (identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural).

Material necessário: Por se tratar de uma aula expositiva, propõe-se os recursos diversos que estejam disponíveis, tais como recursos audiovisuais, material de papelaria, material impresso e dispositivos de tecnologia da informação e comunicação.

Tempo estimado: 8 aulas de 50 min.

Desenvolvimento: Nas aulas sobre os ecossistemas brasileiros, recomenda-se um foco na descrição destes ambientes enaltecendo-os quando a beleza, a riqueza de biodiversidade e a singularidade existentes em cada bioma. Nas exposições, introduzir os conceitos de Ubuntu e do Bem Viver e das relações dos povos africanos e indígenas com o ambiente, utilizando imagens, textos ou vídeos que tratam destes temas. Recomenda-se que se convide ou que se visite alguma comunidade (quilombola ou indígena) da região para estabelecer diálogos sobre as suas filosofias.



Unidade de Aprendizagem 2 - “Eu sou porque nós somos”

Avaliação: Uma grande necessidade da educação ambiental é a ampliação do que se entende como natureza e, principalmente, da relação homem x meio ambiente. É esperado que os alunos demonstrem, confeccionando cartazes, vídeos, apresentações e outros, a valorização destas outras maneiras de ser e estar na sociedade e na natureza.



[1] DOMINGUES, Joelza Ester. 'Ubuntu', o que a África tem a nos ensinar. Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/>, acessado em 4 dez 2023.

[2] VIEIRA, Maglis; TRISTÃO, Martha. Algumas aproximações da educação ambiental com o pensamento decolonial, a ética Ubuntu e o Bem Viver. *Ambiente & Educação*, v. 26, n. 1, p. 296-324, 2021.

Unidade de Aprendizagem 3 - Pontuando memórias locais

Objetivo: Identificar, no território onde se habita, as diferentes realidades que possam se configurar como patrimônio.

Sugestão de leitura prévia: Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial[1].

Descrição da atividade: Nesta atividade podem ser trabalhadas a disciplina de Matemática, com a habilidade EF07MA36 (planejar e realizar pesquisa envolvendo tema da realidade social, identificando a necessidade de ser censitária ou de usar amostra, e interpretar os dados para comunicá-los por meio de relatório escrito, tabelas e gráficos, com o apoio de planilhas eletrônicas) e a disciplina de Geografia, pelas habilidades EF07GE01 (avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil), EF07GE02 (analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas) e EF07GE04 (analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras, enquanto se desenvolve as habilidades EF07CI07 e EF07CI08).

Material necessário: Câmera fotográfica (ou smartphone). Há a possibilidade de registros por meio de artes manuais, como desenho, pintura ou maquete.

Tempo estimado: 4 aulas de 50 min

Desenvolvimento: Resgatando a ética Ubuntu para as discussões sobre os ecossistemas, faz-se uma breve elocução sobre as relações dos povos quilombolas e o ambiente, a partir de dados oficiais sobre preservação[2]. Após, ressalta-se que a relação destes povos com as matas é uma relação patrimonial, explicando os conceitos básicos de patrimônio. Ao final da atividade, é solicitado a cada aluno que se faça diferentes registros coisas ou lugares que representem, para si, um bem patrimonial, dissertando sobre suas memórias e identificação. Estes registros devem ser arquivados junto aos escritos para a atividade subsequente.

Avaliação: Espera-se que os alunos tragam imagens de diferentes padrões de patrimônio, mas que não falte registro de patrimônio de caráter natural.

[1] HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

[2] Sugestão: Correio Braziliense. Proteger territórios quilombolas é preservar o meio ambiente. Disponível em <https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniaio/2023/07/5107342-artigo-proteger-territorios-quilombolas-e-preservar-o-meio-ambiente.html>, acessado em 4 dez 2023.



Unidade de Aprendizagem 4

Exposição de “si” formando o “nós”

Objetivo: Socializar as experiências individuais de memória e identidade e incorporar novas, de forma coletiva.

Descrição da atividade: Nesta atividade, além das habilidades já tratadas de Ciências, participam as disciplinas de História (EF07HI09) e de Artes, pela habilidade EF69AR06 (desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais).

Material necessário: Impressão em papel fotográfico, quadros, cartolinas, fitas adesivas e demais recursos artísticos.

Tempo estimado: 1 dia letivo.



Rogério Peccioli

Desenvolvimento: Para esta atividade, provavelmente, será necessária uma maior intervenção do professor. A ideia é promover uma exposição dos registros patrimoniais desenvolvidos por cada aluno, aberta à visitação de toda a comunidade escolar. É recomendável que, no processo de curadoria, sejam adicionadas as legendas produzidas pelos alunos ao efetuarem os registros das imagens, a fim de que o público geral compreenda o que faz daquele item ali representado um patrimônio.

Avaliação: Ao final da exposição, apura-se o sentimento dos alunos envolvidos em compartilhar memórias, afetos e identidade envolvidos com aqueles patrimônios através da arte.

Unidade de Aprendizagem 5 - Escuta de memórias silenciadas

Objetivo: Refletir sobre os processos que levaram à oficialização, pelas autoridades públicas, de diversos patrimônios históricos, artísticos e culturais.

Descrição da atividade: A visita a um espaço reconhecido como patrimônio de um povo, de um lugar ou de uma civilização tem por fundamento a percepção de que há memórias e identidades que são construídas coletivamente, de maneira genuína ou por imposição. Nesta visita são integradas as disciplinas de História, pelas habilidades EF07HI01 (explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia) e EF07HI03 (identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas), Geografia nas habilidades EF07GE02 (analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas) e EF07GE03 (selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades), e Artes, na habilidade EF69AR34 (analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas).

Em Quissamã, o local indicado é o Complexo Cultural da Fazenda Machadinho, patrimônio cultural tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) desde 1978 e inserido na comunidade remanescente quilombola de Machadinho, onde a mediação dos saberes conduzida pelos quilombolas irá compartilhar as memórias que foram silenciadas e que são parte da identidade coletivamente criada na cidade.



Complexo Cultural da Fazenda Machadinho, Quissamã/RJ

Unidade de Aprendizagem 5 - Escuta de memórias silenciadas

Material necessário: material para registros (câmera, smartphone, bloco de notas, lápis).

Tempo estimado: 1 dia letivo.

Avaliação: Na aula subsequente à visita, de forma livre, se avalie alguma movimentação interna nos alunos quanto as relações de poder vigentes na nossa sociedade que silenciam, afastam e marginalizam os povos de seu próprio patrimônio, e a necessidade de se colocar em posição de resistência e de enfrentamento, em busca de seus direitos mais básicos – a vida e o bem-estar.



Griot partilhando saberes com crianças

Fonte: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/a-carta-mandinga-a-palavra-grio-e-a-tomada-de-decisoes/>



Unidade de Aprendizagem 6 - O Parque não é só um parque

Objetivo: Promover nos estudantes, in situ, posicionamentos mais assertivos quanto a possíveis (e prováveis) problemas socioambientais encontrados em uma Unidade de Conservação; suscitar-lhes o desejo de uma maior participação no cotidiano da UC e, dentro das possibilidades infantis, aproximar-se de uma posição de cuidado assemelhada ao que chamamos de gestão participativa.

Atividade prévia: Exibição do documentário[1] “Areia de Quissamã”, desenvolvido pelo Curso de Cinema Ambiental (CUCA) da UFRJ, Campus Macaé.

Descrição da atividade: Aqui se conclui o desenvolvimento das habilidades EF07CI07 e EF07CI08, integrando-se à Geografia, nas habilidades EF07GE03 (selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades), EF07GE11 (caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade) e EF07GE12 (comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação [SNUC]) e à Educação Física, na habilidade EF89EF19 (experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental).

Em Quissamã, a Unidade de Conservação indicada é o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, criado em 1998 numa extensa área do ecossistema de restinga, integrante da Mata Atlântica. Havendo disponibilidade de visita guiada por algum representante da instituição, será de grande valia analisar a concepção de meio ambiente que prevalece no setor de educação ambiental do Parque. Do contrário, a mediação dos professores das disciplinas supracitadas, presentes na atividade, farão as provocações quanto a razão de se transformar aquele ambiente em parque nacional, como era a relação da sociedade antes da criação do parque e como essa relação se dá hoje, quais conflitos socioambientais ocorrem no parque e que paralelos podem ser traçados entre a criação do Complexo Cultural da Fazenda Machadinha, na comunidade quilombola, e do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, na restinga habitada por outras minorias, como os pescadores.

Unidade de Aprendizagem 6 - O Parque não é só um parque

Material necessário: material para registros (câmera, smartphone, bloco de notas, lápis).

Tempo estimado: 1 aula de 50 min para o documentário; 1 dia letivo para a visita.

Avaliação: Na aula subsequente à visita, de forma livre, se avalie o despontamento de questionamentos, insatisfações ou rupturas nos estudantes quanto a leitura prevalente de uma Unidade de Conservação, que é a leitura estritamente ecológica; o desenvolvimento da percepção da UC como um patrimônio não apenas natural, mas também histórico e cultural; observar novas motivações para atuação junto ao Parque Nacional de maneira mais integral, participando da organização e da aplicação dos planejamentos para o uso público em benefício de todos, inclusive do próprio ecossistema, não mais de uma pequena parcela de privilegiados.

[1] Diretor (Autor): Nathalia Moura Muzy Fuentes, Rafael Nogueira Costa. Disponível em <https://vimeo.com/55167387>, acessado em 4 dez 2023.



Fonte: http://mapadecultura.com.br/wp-content/uploads/2012/05/Carapebus__Restinga-de-Jurubatiba_MG_3395.jpg



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta sequência didática, em hipótese alguma, deve ser entendida como um manual de instruções. Trata-se, apenas, de uma proposta colaborativa para desenvolvimento de novos saberes ambientais a partir dos saberes de povos que coexistem melhor com a natureza.

Para cada comunidade de pessoas, em cada rede de ensino, com qualquer saber não eurocêntrico, em qualquer Unidade de Conservação esta sequência didática se atualiza e alimenta o “bichinho do questionamento” necessário à construção do conhecimento.

Independentemente da visão que se tenha sobre o mundo, o tão falado “viés ideológico”, a colonialidade do poder é um fato, atravessa todas as sociedades modernas e não faltam evidências de que precisa ser desconstruída.

Começemos.

REFERÊNCIAS

COSTA, Rafael Nogueira et al. (2011) Areia de Quissamã. [Documentário]. Produção de Nathalia Moura Muzy Fuentes e Lígia Carvalho. Direção de Rafael Nogueira Costa. Curso de Cinema Ambiental (CUCA). 13'42".

DUTRA, Débora Santos de Andrade; CASTRO, Dominique Jacob F. de A.; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Educação em Ciências e Decolonialidade: em busca de caminhos outros. In: Decolonialidades na Educação em Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, p. 1-17.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

MAIA, Bruna Soraia Ribeiro; DE MELO, Uico Denis Sousa. A colonialidade do poder e suas subjetividades. Teoria e Cultura, v. 15, n. 2, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. a 10, p. 200–212, 1992.

VIEIRA, Maglis; TRISTÃO, Martha. Algumas aproximações da educação ambiental com o pensamento decolonial, a ética Ubuntu e o Bem Viver. Ambiente & Educação, v. 26, n. 1, p. 296-324, 2021.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.